

Os bens culturais no território da Diocese de Limeira: conhecimento, salvaguarda e difusão

João Paulo Berto¹

Submetido em: 13/11/2018

Aceito em: 21/11/2018

Publicado em: 10/12/2018

Abstract

The article proposes to present an analysis of the formation and an overview of the cultural assets of the Diocese of Limeira, a portion of the Roman Catholic Church founded in 1976 and composed of 16 cities in São Paulo. Based on an analysis of the diocesan geographical area, it tries to understand the territory as an example for the formation of a wide and diversified range of cultural assets of a religious nature, result of donations, purchases and bequests. For this purpose, it presents the safeguard processes involved in these sets, focusing on the importance of inventory routines, as well as the constitution of a decentralized museum as responsible for the integrated management of important collections that touch different areas of knowledge and act in the maintenance of a plural catholic identity.

A Diocese de Limeira: formação territorial e religiosa

Localizada na região centro-leste do Estado de São Paulo, a Diocese de Limeira é formada por 16 cidades, correspondendo a uma área de 4.933,5 km² e com um contingente populacional que soma mais de 950 mil pessoas. Eclesiasticamente, limita-se com as Arquidioceses de Campinas e de Ribeirão Preto e com as Dioceses de Amparo, Piracicaba, São João da Boa Vista e São Carlos. Ainda no que se refere à sua organização, faz parte do regional Sul 1 da CNBB e é sufragânea da Arquidiocese de

¹ Centro de Memória – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Campinas.

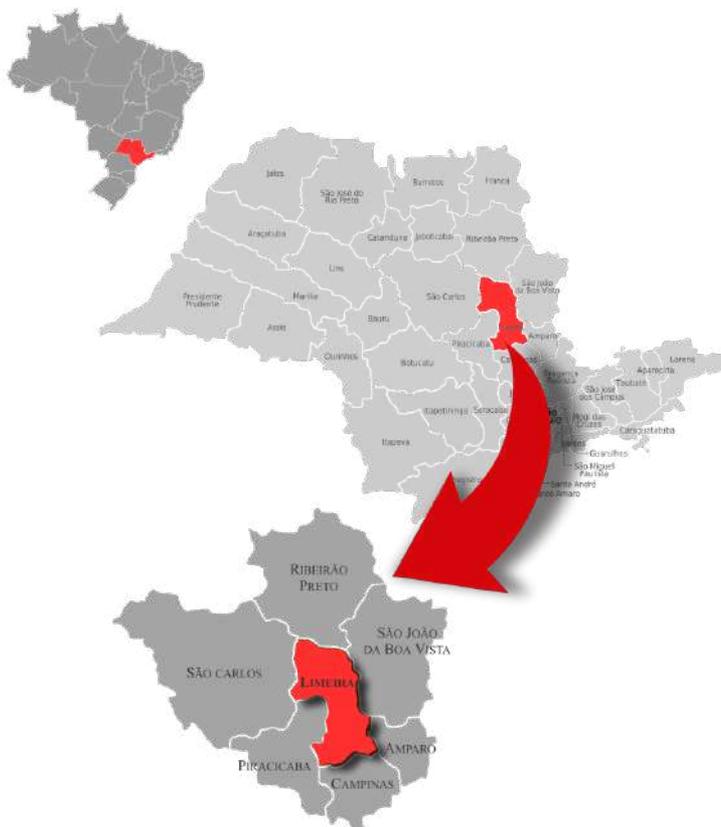


Figura 1

João Paulo Berto

Mapa com os limites geográficos da Diocese de Limeira, com base nas fronteiras estabelecidas pelos demais bispados e arcebispados paulistas

2018

Acervo do autor

A fundação da Diocese de Limeira remonta à década de 1970, especificamente ao ano de 1972, quando um grupo de membros da Cúria e do Conselho de Presbíteros da Arquidiocese de Campinas solicitou o desmembramento do território arquiocesano, especificamente da faixa que seguia de Nova Odessa a Descalvado. As justificativas foram o

crescimento populacional, a necessidade de dinamização das vigarias regionais e a presença mais atuante do bispo nas diversas comunidades religiosas. Esse apelo ia também em direção ao que havia sido prescrito no Decreto *Christus Dominus*, sobre o múnus pastoral dos bispos na Igreja, promulgado pelo Papa Paulo VI em 28 de outubro de 1965.

Naquele momento, as cidades que hoje compõem o tecido diocesano de Limeira (com exceção de Engenheiro Coelho, elevada à cidade apenas em 1991) pertenciam à Arquidiocese de Campinas, elevada à categoria de arcebispado no ano de 1958 por meio da bula pontifícia *Sacrorum antistitum* do Papa Pio XII. Contudo, graças ao crescimento de Campinas e das cidades mais próximas, começou a ser sentida a necessidade de uma subdivisão para que a organização episcopal se desse de forma mais organizada e eficaz. Para tanto, resolveu-se criar uma nova diocese a partir das cidades que estavam mais ao norte geográfico da Arquidiocese e que tinham por eixo a rodovia Anhanguera, abrangendo os municípios de Nova Odessa, Americana, Cosmópolis, Artur Nogueira, Conchal, Iracemápolis, Limeira, Cordeirópolis, Araras, Leme, Santa Cruz da Conceição, Pirassununga, Porto Ferreira e Descalvado. Além delas, seriam também incluídas as cidades de Cordeirópolis e Analândia, pertencentes à Diocese de Piracicaba desde o decreto *Maiori animarum bono*, da Sagrada Congregação Consistorial, de 14 de fevereiro de 1958, e que passou a vigorar a partir de 1º de junho do mesmo ano². As 15 cidades contavam juntas, à época, com 35 paróquias e cerca de 500 mil habitantes. Como sede, escolheu-se a cidade de Limeira, dada a sua importância e posição geográfica.

A partir deste anseio, formou-se uma comissão de padres para os encaminhamentos necessários, presidida pelo Monsenhor Luiz Pessoto, o que envolvia estudos sociais, econômicos, religiosos e estatísticos da região a ser desprendida. Tendo em vista este levantamento, o então

² Anteriormente a 1958, Cordeirópolis pertencia ao território eclesiástico da Diocese de Campinas e Analândia ao de São Carlos.

arcebispo de Campinas, Dom Antônio Maria Alves de Siqueira (1906-1993), em maio de 1974, comunicou o parecer sobre a criação de uma nova diocese na assembleia dos Bispos do Regional Sul da CNBB, em Itaici, SP, recebendo votos favoráveis. Para a constituição do patrimônio da nova diocese, em 16 de junho de 1975, a Confraria de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção de Limeira doou um terreno de sua propriedade, que serviria para a construção do palácio episcopal e da sede da cúria diocesana e da secretaria de pastoral. Com o apoio do bispado e o voto favorável do episcopado paulista, Dom Siqueira reportou-se, então, ao Papa Paulo VI, em 15 de agosto de 1975, solicitando o desmembramento da Arquidiocese, o que foi aceito pelo pontífice.

Assim, com base nos argumentos levantados e no patrimônio já criado, em 29 de abril de 1976, foi promulgada pelo Papa Paulo VI a bula pontifícia *De Superna*, na qual se criava a Diocese de Limeira com territórios da Arquidiocese de Campinas e da Diocese de Piracicaba. Em cinco de maio do mesmo ano, foi anunciado o nome do primeiro bispo a ocupar a nova cátedra de Limeira, o Pe. Tarcísio Ariovaldo Amaral, CSsR (1919-1994). Sua ordenação foi realizada durante a solene instalação da diocese, ocorrida no dia 25 de junho e presidida por Dom Carmine Rocco (1912-1982), então núncio apostólico no Brasil, e na qual participaram diversas autoridades religiosas e civis da região. Sob o lema *Sicut qui ministrat* (Lc 22, 27), Dom Tarcísio governou a Diocese de Limeira de 1976 a 1984, quando foi transferido para a Diocese de Campanha, MG. Seguiram-se a ele Dom Fernando Legal, SDB (1931-), pelo período de 1985 a 1989, atualmente bispo emérito da Diocese de São Miguel Paulista; Dom Ercílio Turco (1938-), entre 1990 e 2002, atual bispo emérito da Diocese de Osasco; Dom Augusto Zini Filho (1932-2006), de 2003 até sua morte em 2006; e o atual episcopo, Dom Vilson Dias de Oliveira, DC (1958-), que assumiu a diocese em 2007 nomeado pelo Papa Bento XVI.

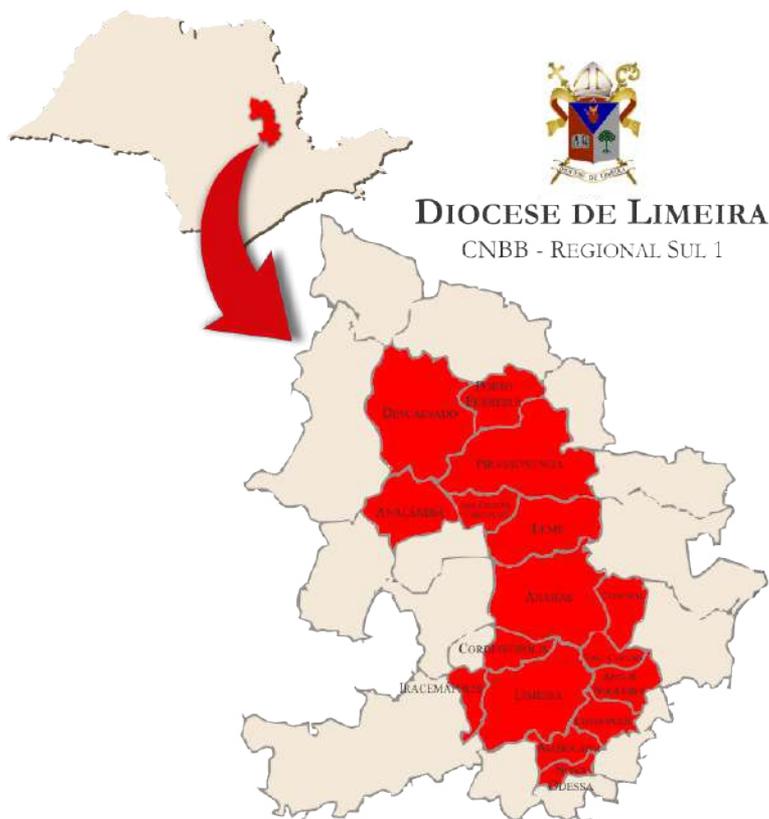


Figura 2

João Paulo Berto

Mapa da Diocese de Limeira com as 16 cidades que a formam e suas fronteiras político-administrativas, 2018

Acervo do autor

Historicamente, o território abrangido pela Diocese de Limeira compreende uma antiga região do Estado de São Paulo, com mais da metade das cidades com povoação iniciada nos princípios do século XIX. Um aspecto importante a ser destacado é que a maioria dos núcleos populacionais que se formou no interior paulista ao longo do século XIX, fruto do desenvolvimento econômico proporcionado pela cafeicultura e pela modernização trazida pelas ferrovias já na segunda metade da centúria, teve na religião seu papel aglutinador. Como aponta Ghirardello, a tomada

e a urbanização do interior paulista estariam relacionadas a um amplo projeto de ocupação e planejamento territorial impulsionado pelas elites “que acreditava que o crescimento econômico se baseava na competição da livre iniciativa e que tudo poderia ser mercadoria: a terra, a força de trabalho e a produção agrícola”³.

Tendo em vista esse cenário, uma nova elite paulista começou a se formar, amparando-se no cultivo do café e no trabalho imigrante europeu, que trazia consigo suas tradições, seus hábitos culturais, seus modos de vida e suas crenças particulares. Devido à forte religiosidade desses grupos, estrangeiros e locais, somado às duras situações impostas pelo trabalho, a oração surgia como válvula de escape e, até mesmo, momento de sociabilidades e manutenção das tradições e das necessidades religiosas. Assim, era comum a construção de pequenas capelas, seja pelo proprietário ou pelos trabalhadores, um pouco afastadas dos locais de cultivo. Abertas também de outras maneiras, como em pousos criados por bandeirantes, seriam esses oragos os catalizadores dos primeiros agrupamentos populacionais do interior paulista, porém sempre inseridos em territórios agrícolas de cunho particular.

A Igreja, desta forma, precede às cidades no século XIX paulista. A presença de uma capela dotada de uma ou várias esculturas religiosas, por menor que fosse, ou até mesmo de um cruzeiro implantado no solo, proporcionava a sacralização do espaço e, ao redor deles, a população se aglomerava a ponto de construir desde modestas instalações comerciais que se abriam apenas nos dias de festividades religiosas até residências. Com o tempo, ocorria o aforamento dessas porções de terras por parte dos proprietários, ação ligada não somente a uma explicação religiosa, mas também à possibilidade de privilégios por possuir um povoamento em suas terras. As doações ocorriam, muitas vezes, para a própria Igreja, em nome dos então padroeiros desses agrupamentos,

³ GHIRARDELLO, Nilson. **A formação dos patrimônios religiosos no processo de expansão urbana paulista (1850-1900)**. São Paulo: Editora UNESP, 2010. p 27.

ficando a administração inicial das vilas, dessa forma, nas mãos das chamadas Fábricas das Matrizes⁴. Eram os fabriqueiros que controlavam esses patrimônios, que incluíam as terras doadas e os próprios bens dos templos, zelando pelo decoro das igrejas, suas alfaias e suas imagens sacras.

Esses são os casos, por exemplo, da cidade de Limeira (antigo povoado de Nossa Senhora das Dores do Tatuiby), quando, em 1826, o Capitão Luiz Manoel da Cunha Bastos doou uma gleba de terras de sua sesmaria, adquirida junto com seus irmãos no início do século XIX, a Nossa Senhora das Dores, padroeira de um orago edificado em suas terras. A escritura foi lavrada oficialmente, contudo, apenas no ano de 1832. Em Araras a situação foi muito semelhante. Os sesmeiros Bento de Lacerda Guimarães (futuro Barão de Araras) e José de Lacerda Guimarães, o Barão de Arary, doaram um terreno com quinhentas braças a Nossa Senhora do Patrocínio, no qual havia sido erigida uma pequena capela dedicada à referida santa em 1862. Além disso, as imagens tornavam-se também verdadeiras canalizadoras das vontades e dos desejos de quem solicitava uma graça, como ocorreu quando José Ferreira da Silva, como forma de pagamento de um voto feito a Nossa Senhora do Belém a favor de sua esposa, Florência Maria de Jesus, doou à então capela construída por ele por volta de 1832 um patrimônio de cerca de três quilômetros, nos quais se formaria, posteriormente, a cidade de Descalvado.

Estes agrupamentos, “interdependentes num primeiro momento das propriedades rurais, ao mesmo tempo se adensam e formam um mercado cada vez mais forte e sofisticado, consolidam a integração física com a capital, através da ferrovia, vista como acesso primário e maior”⁵. Com

⁴ Segundo Ghirardello, a fábrica constituía uma espécie de corporação perpétua formada por membros religiosos e leigos e que tinha por função a administração dos bens da paróquia, como o caso de terrenos e outros bens temporais. “O nome fábrica vem do fabrico da Igreja, de sua construção, aformoseamento e compra de alfaias, que era para onde deveriam, em tese, se dirigir os recursos do aforamento das terras urbanas”. GHIRARDELLO, *op. cit.* p. 75.

⁵ GHIRARDELLO, *op. cit.* p. 32.

uma planificação definida inicialmente por organizações dos membros locais dos povoados e, quando da elevação à categoria de Vila, pelas Câmaras Municipais, esses núcleos urbanos receberão os excedentes da cultura do café, o que refinará, ainda mais, o processo de urbanização paulista, seja internamente ou externamente pela abertura de estradas ou pela consolidação dos ramais férreos. Estes últimos foram iniciados no território de São Paulo na década de 1860 com a construção da São Paulo *Railway Company*, inaugurada em 1867. Ligando Santos à cidade de Jundiaí, a ferrovia foi estratégica nos processos de interiorização geográfica e circulação de obras, já que, além de carregar a produção cafeeira, ajudou a dinamizar estradas, levando tanto a um profundo desenvolvimento dos povoados existentes quanto à criação de novos em torno das estações ferroviárias. O território da Diocese de Limeira, por exemplo, teve suas cidades interligadas por duas companhias, a Companhia Paulista de Estradas de Ferro e a Companhia Carril Agrícola Funilense.

Do tecido diocesano, a única cidade a permanecer sem a presença de uma linha férrea foi a de Santa Cruz da Conceição, o que marcou, de forma considerável, o seu desenvolvimento. O povoamento da região começou por volta da década de 1830, antes do que sua cidade vizinha Leme, cujas origens remontam à instalação da estação ferroviária. A primeira missa no povoado data de 1841, em capela dedicada a Nossa Senhora da Conceição e construída próxima a um cruzeiro ali levantado. O desenvolvimento do povoado foi maior graças ao advento do café na região, alicerçado pelas grandes fazendas ali presentes. Contudo, mesmo com os anseios dos povoadores, a ferrovia que se expandiu a partir de Araras não passou pelo agrupamento, mas se instalou quilômetros dali em terras de Manuel Leme (atual cidade de Leme). Apesar disso, Santa Cruz da Conceição continuou seu desenvolvimento, tendo sido elevada à cidade em 4 de julho de 1898. Contudo, dada a retração econômica, em 21 de maio de 1934, foi rebaixada à categoria de distrito de Leme e, no mesmo ano, anexada ao território de Pirassununga. Em 1953, graças ao empenho dos munícipes, foi novamente elevada à cidade, que atualmente mantém-

se pela força do setor agrícola, com uma população estimada de 4,5 mil habitantes⁶.

Dessa forma, percebe-se que a constituição dos povoados e doações de terrenos por parte dos proprietários fazia-se sempre tendo como peça central a existência de uma capela. As invocações principais poderiam ser aquelas da comunidade ou a de devoção dos donos das terras onde era erigido o orago. Vale ressaltar que tais edificações muitas vezes surgiam sem a autorização do bispado, necessária para esse tipo de empreita. Nesses casos, era necessário conseguir uma provisão posterior. A presença de sacerdotes nesses locais era rara, uma vez que tais oragos eram assistidos por padres de paróquias pertencentes a outras vilas da região e, dada a escassez do clero no mundo paulista, a população se via praticamente esquecida. Assim, uma das principais ações tomadas pelos povoadores iniciais era solicitar a presença de um pároco fixo, o que elevava a “capela” à condição de “capela curada”. Para isso, era necessário demarcar a zona de administração da nova paróquia, o que prescindia de uma negociação com os padres das circunscrições eclesiásticas vizinhas. Com o relatório, submetia-se um pedido à cúria diocesana, que expedia uma provisão necessária de criação. Com esse ato eclesiástico administrativo, as capelas passavam à dignidade de igrejas matrizes e assumiam a tarefa de zelar pela vida espiritual da comunidade, sobretudo na administração dos sacramentos.

A constituição dos acervos de bens culturais eclesiásticos diocesanos

A criação da capela passava a designar o povoado como Freguesia, o que implicava a organização tanto religiosa quanto civil do território. Esse

⁶ IBGE – FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E PESQUISA. Brasil em Síntese, São Paulo, Santa Cruz da Conceição, Panorama. 2015. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/santa-cruz-da-conceicao/panorama>. Acesso em 9 de out. de 2017.

momento era importante para a vida das igrejas, já que era necessário adquirir uma série de objetos que pudessem ser utilizados nas novas dinâmicas impostas. Assim, deveriam ser comprados confessionários, pias batismais, novos paramentos e alfaias, além de livros para os assentos dos registros dos sacramentos. Tudo isso levando em conta os critérios de decoro e magnificência do culto a ser desenvolvido. De acordo com o aporte financeiro, tais peças poderiam ser importadas de países como Portugal ou Espanha, serem obtidas em casas especializadas dentro ou fora da província, ou mesmo nas redondezas com artesãos.

Em linhas gerais, do século XIX ao XX, as primeiras paróquias das dezesseis cidades da Diocese de Limeira tiveram origens variadas, o que permite entender a formação e a caracterização das coleções de bens culturais eclesiásticos ali existentes. Contudo, um ponto importante era que, como o número de padres não era grande, destacava-se nessas igrejas, fossem elas elevadas ou não a sedes paroquiais, a presença de associações religiosas de leigos, especialmente irmandades, que ajudavam a manter os rituais litúrgicos e davam apoio pio-social durante a vida e a morte aos irmãos, além de compor intrincadas redes simbólicas de poder, entre o temporal e o religioso. Esses grupos, muitas vezes, saíam das igrejas matrizes, onde eram constituídos inicialmente, para construir templos próprios, ou podiam até mesmo sediar paróquias em momentos posteriores. Esse foi o caso, por exemplo, da Irmandade de São Benedito de Limeira, fundada em fevereiro de 1854 com a presença de irmãos brancos e negros (livres e escravos). Constituída na matriz de Nossa Senhora das Dores, conseguiu recursos para edificar uma capela, iniciada em 1868 e inaugurada em setembro de 1870. Treze anos depois, em 1883, foi erigido um novo templo, mais amplo e confortável, com traço e talha realizados por Miguel Arcanjo Benício de Assunção Dutra (1812-1875)⁷ – não foram localizados registros se a talha de Dutra já estava na igreja anterior e foi reaproveitada ou se utilizaram seus riscos para a

⁷ Os desenhos realizados para a Capela de São Benedito encontram-se no Museu Histórico e Pedagógico “Prudente de Moraes”, em Piracicaba, SP.

confeção da obra, anos depois de sua morte. Essa capela, depois demolida, passou a sediar a Paróquia de São Benedito, criada e instalada em 1960.

Outra importante associação limeirense foi a Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção, fundada em 1856. Quando da sua criação na Matriz de Nossa Senhora das Dores, o grupo já previa a construção de um espaço próprio para honrar suas duas imagens de devoção, algo ocorrido entre os anos de 1858 e 1867. Extremamente atuante, a Irmandade, depois elevada à categoria de Confraria em 1869, participou de momentos importantes da história de Limeira, tendo o templo, por exemplo, servido de hospital temporário de emergência durante o surto de febre amarela no final do século XIX e como escola de 1917 até os anos 1950.

Para esses espaços de culto, costumeiramente, buscavam-se sempre as melhores e as mais dignas imagens, em especial para seus santos patronos, o mesmo ocorrendo nos ambientes domésticos, impulsionando o culto íntimo. Tal constatação pode ser feita em uma análise da imaginária sacra presente nas igrejas da Diocese de Limeira, onde se encontram, sobretudo, imagens de madeira (de vulto completo, de vestir e de roca), datadas entre os séculos XVIII e XIX, produzidas no Brasil ou importadas de países como Portugal e Espanha, e imagens de gesso, representando um gosto pela produção em série e popularização, do final do século XIX e do século XX. No que tange às de gesso, destacam-se importantes ateliês como a Maison Raffl, iniciado pelo francês Josef-Ignaz Raffl (1828-1895) em Paris e ativo entre 1857 e 1920; e o do italiano Marino del Fávero (1864-1943), instalado em São Paulo e que produziu para diversas igrejas e capelas paulistas. As obras importadas poderiam também, por exemplo, ser adquiridas em lojas especializadas dentro ou fora da província, como nas tradicionais Casa Sucena⁸ e Casa Minerva, ambas no Rio de Janeiro.

⁸ Segundo Cristiana Cavaterra, “No Rio de Janeiro, a Casa Sucena, sediada na Rua da Quitanda, nº 101, foi possivelmente a mais antiga e mais conhecida fornecedora de artigos eclesiásticos e imagens sacras produzidas no nordeste brasileiro e importadas da Europa. Sua origem remonta a 1806, de propriedade de Azevedo Ramos e pouco tempo depois comprada por José Rodrigues



Figura 3
Miguel Arcanjo Benício de Assunção Dutra (1812-1875)
São Benedito, década de 1870
Madeira policromada e tecido
Acervo Igreja de São Benedito, Limeira, SP
Fotografia do autor



Figura 4
Miguel Arcanjo Benício de Assunção Dutra (1812-1875)
Nossa Senhora do Bom Parto, década de 1870
Madeira policromada e tecido
Acervo Igreja de São Benedito, Limeira, SP
Fotografia do autor

Sucena que deu o nome famoso à firma”. CAVATERRA, Cristiana Antunes. “Imprensa e Comércio de Arte Sacra na Belle Époque Paulista: das casas de paramentos, marmorarias e liceus à Casa Marino Del Favero”. **Anais Jornada de Pesquisa PPG IA UNESP – Edição Internacional**, 2015, p. 1158.



Figura 5
Marino del Fávero (1864-1943)
Menino Jesus de Praga, 1929
Gesso policromado
Acervo Santuário Senhor Bom Jesus
dos Aflitos, Pirassununga, SP
Fotografia do autor



Figura 6
Sanmryo
Sagrado Coração de Jesus, entre 1900 e 1950
Cerâmica policromada
Acervo Catedral Nossa Senhora das Dores,
Limeira, SP
Fotografia do autor



Figura 7
Crucifixo de Banqueta, século XVIII
Madeira dourada e policromada, prata e ametista
Acervo Catedral Nossa Senhora das Dores, Limeira, SP
Fotografia do autor

Além das imagens, dentro do grande número de peças que auxiliavam nesse processo, aquelas feitas tendo os metais como matéria-prima foram também de grande importância, em especial pela sua durabilidade e por representarem, de modo eficaz, a nobreza e a dignidade do que era celebrado e dos mistérios que eles serviam. Seja em prata, ouro, bronze ou outros tipos de ligas metálicas, a Igreja fez grande uso desses materiais em seus objetos litúrgicos, empregando-os em relicários, ostensórios, navetas e turíbulos, âmbulas, cálices, patenas, cruces, joias e castiçais.

No Brasil, os primeiros trabalhos foram realizados por artesãos portugueses que carregavam em suas bagagens uma tradição que remontava ao século XII naquele país. No mundo paulista, em especial durante os séculos XVIII e XIX, eram encontradas peças sacras em metal, sobretudo em prata, importadas da Europa ou de regiões brasileiras que tiveram grande tradição no ramo da ourivesaria, como Minas Gerais, Bahia

e Rio de Janeiro, além de fabricadas *in loco*, unindo a criatividade à releitura de modelos e fórmulas estéticas já difundidos. Durante o final dos oitocentos e início do século XX, tornou-se comum a presença de itens confeccionados em bronze, uma liga metálica muito utilizada na fatura de esculturas desde a Antiguidade clássica. Como o uso da prata e do ouro já se tornava inviável para muitas igrejas, as peças passaram a ser apenas banhadas, simulando o brilho e a suntuosidade que emanava de itens produzidos com aqueles metais.

Outra importante categoria de bens é a das vestes utilizadas nas celebrações. Tratadas com grande esmero, elas foram também responsáveis pela apresentação do teatro sacro, ideia com a qual muitos associavam o culto católico antes do Concílio Vaticano II. Após esse período, os paramentos sagrados, tais como casulas, dalmáticas e outros tipos de vestimentas caíram em desuso, porém os modelos atuais mantêm ligações com aqueles, em especial no que se refere às cores e aos símbolos. Sua função, entre outros, era estabelecer as hierarquias por meio da visualidade, sendo que os tecidos utilizados para tal eram da melhor qualidade e, muitas vezes, importados. Vale lembrar que das despesas gastas nos cultos, aquelas com os têxteis sacros em geral e com as decorações das igrejas e capelas eram as mais altas. Os tipos de paramentos são variados, sendo que sua função principal é a de ornamentar coisas, lugares e pessoas, sempre com o objetivo de ressaltar a dignidade e valor destes.

No que se refere às obras arquitetônicas, o território da Diocese de Limeira apresenta uma amálgama de conhecimentos e estilos. Do barroco ao moderno, passando pelo neoclássico e eclético, as obras demonstram a tentativa das comunidades locais de construir sempre as melhores e mais imponentes obras para honrar o sagrado, bem como as amplas redes de circulações culturais existentes. Geralmente, as primeiras capelas edificadas até meados da segunda metade do século XIX eram produzidas utilizando-se técnicas construtivas tradicionais, como a taipa de mão ou de pilão (raramente, dadas as dimensões das obras) e cobertas de palha ou

telhas de barro. Com a elevação à categoria de matriz, as dinâmicas de culto e o conseqüente aumento do afluxo de fiéis necessitavam de templos maiores e mais dignos à comunidade. Para isso, eram contratados os melhores artistas, arquitetos e engenheiros. Contudo, o mesmo processo que levou à demolição das antigas capelas também acabou levando à destruição desses segundos templos. Assim, é comum encontrarmos nas histórias das paróquias a existência de três espaços sagrados: um primeiro relativo ao orago original, pequeno e com técnicas mais simples na construção; um segundo mais imponente, apresentando um programa de necessidades próprio à realidade das matrizes e segundo o gosto em vigência, como o neoclássico ou o eclético (somando-se todos os *neo's*); e um terceiro já de inspiração moderna e/ou contemporânea, sendo muitos derivados da estrutura de barracões, com estruturas e telhados metálicos.

Entre os templos que se destacam no tecido geográfico diocesano, sobretudo por seu valor artístico e arquitetônico, podemos destacar:

- **Basilica de Santo Antônio de Pádua, Americana** – A nova igreja matriz de Santo Antônio começou a ser construída em 1950, tendo à frente o Monsenhor Nazareno Maggi. Em formato de cruz latina e com uma cúpula de 50m de circunferência, o projeto foi realizado pela empresa campineira Lix da Cunha seguindo as linhas arquitetônicas neoclássicas, sendo o templo considerado como a maior igreja no estilo realizada no Brasil. Concomitante às obras, foi executado o projeto de decoração pelos irmãos Pedro e Uldorico Gentilli, com obras de pintura e escultura, e por Alberto Ettore Gobbo. Além disso, destacam-se as obras em vitral representando temas bíblicos. A obra foi finalizada em 1977.
- **Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção, Limeira** – A Igreja da Boa Morte foi construída entre os anos de 1858 e 1867 pela irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção. Teve como principais agentes na sua construção o Barão de Cascalho, José Ferraz Campos (1782-1869), e o Barão de Campinas, Bento Manoel de

Barros (1791-1873). O último trouxe da Itália o arquiteto Aurélio Civatti (1837-1917), responsável pelo término da obra, entalhes, douramentos e demais obras de decoração. Além disso, o Barão arcou com os custos da construção das torres e do frontispício, dotando o templo com os sinos das torres, paramentos, pratarias e imagens vindos diretamente de Portugal.

- Catedral Diocesana de Nossa Senhora das Dores, Limeira – A nova igreja matriz de Nossa Senhora das Dores começou a ser construída em 16 de junho de 1949⁹, data marcada pela descida dos sinos do antigo templo e início da demolição. Com projeto do engenheiro-arquiteto campineiro Mario de Camargo Penteado (1905-1984), formado pela Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro em 1931, a pedra fundamental do novo templo com feições neocoloniais¹⁰ foi lançada no dia 12 de agosto de 1951 pelo bispo de Campinas, Dom Paulo de Tarso Campos. A inauguração ocorreu em 1971, estando as obras da igreja ainda inacabadas.
- Igreja Matriz de Nossa Senhora da Assunção, Cascalho, Cordeirópolis – A igreja matriz de Nossa Senhora da Assunção começou a ser construída em 1916, em substituição a uma antiga capela datada de 1898. A nova obra foi necessária devido ao crescimento populacional e foi levada a cabo pelo padre scalabriniano Luiz Stefanello (1878-1964). Constituída por três naves, a igreja foi projetada com modelo de igrejas italianas do Vêneto, região de onde veio o mestre de obras responsável, Antonio De Nadai. O templo foi inaugurado em 1936, recebendo ao longo dos anos alguns acréscimos decorativos no interior, como os

⁹ No período em que a igreja matriz era reconstruída, a sede paroquial e o culto divino foram transferidos provisoriamente para a igreja da Confraria da Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção, por meio de decreto episcopal de Dom Paulo de Tarso Campos datado de 24 de maio de 1949. A transferência ocorreu de forma solene no dia 12 de junho com a transladação da imagem da padroeira Nossa Senhora das Dores.

¹⁰ O projeto arquitetônico realizado por Mário Penteado para a igreja matriz de Limeira serviu de base para o da matriz de Nossa Senhora das Dores da cidade de Cosmópolis, este em menores proporções e datado de 1956.

painéis com as pinturas da coroação de Nossa Senhora na abside da capela-mor e sobre o arco cruzeiro representando a bíblia sagrada ladeada por anjos, além de marmorizados e outros detalhes ornamentais, obras realizadas pelos irmãos italianos Enrico (1905-1973) e Fernando Bastiglia (1913-2001) no ano de 1968, sob a direção do Padre Antônio Klein, SVD. O templo possui altares laterais confeccionados em mármore, ao passo que o principal foi realizado em cimento armado revestido com pintura marmorizada.

- Igreja Matriz de Jesus Crucificado, Iracemápolis – Tendo sua pedra fundamental lançada em 20 de janeiro de 1953, a nova igreja matriz de Iracemápolis foi inaugurada em 19 de dezembro de 1954. Para o templo foram propostos dois projetos: um assinado pelo Joaquim Olavo Sampaio¹¹, de caráter e linhas mais modernas, e outro ao gosto neocolonial, produzido pelo engenheiro Joaquim B. da Silva. O segundo projeto foi o contemplado, tendo nele atuado Luiz Holland, Afonso Fideliz Razera e Armindo Hipólito. A obra contou com o apoio dos paroquianos, além das usinas Boa Vista e Iracema. A fachada possui em seu frontão um painel de azulejos ofertado pela Família Bassinello.
- Basílica de Nossa Senhora do Patrocínio, Araras – O atual templo corresponde à segunda igreja, cuja pedra fundamental foi lançada no dia 15 de agosto de 1879, tendo como construtor Tristão Franklin de Alencar Lima. A obra foi concluída no início de 1881 e seguiu o estilo neoclássico em sua concepção. A fachada é uma releitura muito próxima do frontispício da Basílica de São João de Latrão, em Roma. O interior do templo recebeu diversas reformas e pinturas, sendo a mais destacada aquela realizada entre os anos de 1946 e 1947 pelo pintor esloveno Francisco Pavlovic (1892-1981)¹². O piso da igreja é em

¹¹ Neto do também artista campineiro Antonio Carlos de Sampaio Peixoto, Joaquim Olavo Sampaio foi o responsável por fundar em Campinas, no ano de 1941, as escolas de Desenho e Tecnologia e de Desenho e Pintura, tendo atuado como professor nas duas instituições.

¹² Francisco Pavlovic foi formado pela Escola Superior de Artes Aplicadas de Viena, Áustria, tendo imigrado para o Brasil em 1923. Entre 1923 e 1966 trabalhou na produção de obras sacras e na decoração (pintura e escultura) de diversas igrejas no interior paulista, como nas cidades de Avaré,

ladrilho hidráulico e se destacam os conjuntos de retábulos-laterais e o retábulo-mor, com a imagem de Nossa Senhora do Patrocínio, todos em mármore multicolor.

- Santuário Diocesano do Senhor Bom Jesus dos Aflitos, Pirassununga – A construção da nova igreja dedicada ao Senhor Bom Jesus dos Aflitos começou a ser erguida com o lançamento da pedra fundamental, em 1895, graças às iniciativas do Padre Guilherme Landell de Moura, e sua inauguração ocorreu em 6 de agosto de 1929. O formato da construção é em cruz latina e sua linha decorativa segue o padrão neogótico. O interior possui um amplo conjunto de vitrais e pinturas de quatro quadros realizadas pelo pintor Francisco Pavlovic em 1939.
- Santuário Diocesano de São Sebastião, Porto Ferreira – A atual igreja matriz da Paróquia São Sebastião de Porto Ferreira, elevada à categoria de santuário diocesano no ano de 2013 por Dom Vilson Dias de Oliveira, DC, teve sua construção iniciada no dia 4 de fevereiro de 1952, com a demolição da antiga igreja. O projeto foi realizado pelo arquiteto Benedito Calixto de Jesus Neto, formado pela Faculdade de Belas Artes de São Paulo e responsável, entre outros projetos sacros espalhados pelo território paulista e em outros estados, pela Catedral Basílica Nacional de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, em Aparecida, SP, pela Igreja Matriz de Sant'Ana, em Sumaré, SP, e pela Catedral Imaculada Conceição, em Jacarezinho, PR. O lançamento da pedra fundamental ocorreu no dia 20 de janeiro de 1952 e, em 22 de novembro de 1953, foi realizada a primeira missa. O término da obra ocorreu anos depois, tendo os vitrais sido instalados em 1958 e as pinturas murais com cenas da vida de São Sebastião pintadas em 1962 pelo pintor e ilustrador bolonhês Antônio Maria Nardi (1897-1973)¹³.

Birigui, Cafelândia, Dourado, Marília, Guarantã, Matão, Pirajuí, Pirassununga e uma no Paraná, na cidade de Rolândia.

¹³ Formado em 1916 pela Academia de Belas Artes de Bologna, com prêmio do Ministério da Educação, participou de diversas exposições em Bologna, Ferrara, Roma e Romagna, além de mostras de arte italiana em Hannover, Alemanha. Atuou também no campo das ilustrações, entre

- Igreja Matriz de São Manoel, Leme – A construção da nova igreja matriz da paróquia de São Manoel de Leme teve início em 1956, estando à frente o Cônego Manoel Simões de Lima. A justificativa para uma nova construção era de que a antiga, de 1900 e já bastante alterada, apresentava comprometimentos na estrutura, sendo necessária a sua completa demolição. Com o afastamento do Cônego Simões em 1958, assumiu a paróquia e, por consequência as obras da matriz, o Pe. Carlos Menegazzi. A pedra fundamental da nova matriz foi abençoada em 17 de julho de 1962, com projeto decorativo de Joaquim Olavo Sampaio e tendo como construtora a empresa Lix da Cunha, ambos de Campinas, SP. O projeto foi levado a cabo, contudo, apenas no paróquiato do Pe. Renato França, que assumiu a paróquia no final de 1964. As obras iniciaram-se em fevereiro de 1966, com a demolição da antiga igreja em prol de uma construção que fosse mais afeita às normativas do Concílio Vaticano II. Em 23 de fevereiro de 1968, foi celebrada a primeira missa na nova igreja, ainda inacabada, cujo prédio foi finalizado em meados dos anos 1970.
- Igreja Matriz de Nossa Senhora do Belém, Descalvado – Devido às necessidades de um templo mais amplo, a antiga igreja de Nossa Senhora do Belém começou a passar por amplas reformas: a primeira iniciada em 31 de julho de 1877 e que perdurou até 14 de janeiro de 1881, no paróquiato do Padre Francisco Teixeira de Vasconcelos Braga, e a segunda, entre 1902 e 1903. Apesar disso, concluiu-se que seria necessário levantar um novo templo, cuja pedra fundamental foi lançada no dia 7 de setembro de 1925 pelo bispo de Campinas, Dom Francisco de Campos Barreto, e tendo à frente do projeto o Padre João

1919 e 1924. Na década de 1920, passou a retratar temas sacros e dar preferência às amplas superfícies, sobretudo a pintura mural e a técnica do afresco. Trabalhou em obras de diversas igrejas na Itália e Suíça. Após uma mostra de suas produções no Ministério da Educação e Cultura do Rio de Janeiro, realizada em 1947, recebeu um convite para trabalhar no Brasil, permanecendo aqui entre 1949 e 1965. Nesse período, realizou obras em vários templos, sejam pinturas murais, quadros ou vitrais, sendo possível encontrá-las em cidades cariocas, paulistas, mineiras e no Distrito Federal. Em 1964, foi condecorado pelo papa Paulo VI com o título de *Cavaliere Commendatore dell'Ordine di S. Silvestre Papa*.

Baptista de Carvalho. Em 1931, foi instalado um relógio doado por Antonio Casati e, um ano depois, uma estátua do Cristo Redentor sobre o frontão. A nova igreja matriz foi inaugurada solenemente em 8 de setembro de 1935, com bênção dada por Dom Francisco de Campos Barreto, e pelo Padre Manoel Alves. Contudo, ainda era necessário realizar a decoração interna do templo, para o que foi contratado o artista esloveno Francisco Pavlovic no ano de 1938. Pavlovic finalizou suas pinturas murais no ano de 1940, realizadas com tinta a óleo sobre parede e inspiradas, entre outros, em temas presentes no *Kusthistorisches Museum* e no *Burgtheater*, ambos em Viena. Outras obras ocorreram em 1946, quando o Monsenhor José Canônico concluiu definitivamente o templo com complementação de pintura, substituição do piso, colocação dos vitrais, púlpito e bancos.

Preservação e difusão: estratégias para uma gestão integrada dos bens culturais

É reconhecida a importância histórica do território abrangido pela Diocese de Limeira, materializada em seus conjuntos de bens materiais e em suas manifestações imateriais. Praticamente inéditos, estes conjuntos permitem trazer novas considerações acerca da história local e regional, sobretudo no que tange ao protagonismo da Igreja Católica na configuração das dinâmicas sociais, políticas, econômicas e culturais em porções do mundo paulista. Além disso, ajudam a retrair entendimentos sobre as identidades e memórias das comunidades e sua relação com o sagrado. Tendo isso em vista, iniciou-se no ano de 2016, quando a Diocese de Limeira completou seus 40 anos de existência, uma série de atividades que buscava fomentar, institucionalmente, a valorização e a recuperação da memória e da história dessa igreja em particular.

Nesse sentido, um dos mais importantes procedimentos apontados para a preservação dos bens culturais, móveis ou não, é o de se manter sempre um inventário atualizado das peças, trabalho que poderia ser realizado

pela comunidade de fiéis que tem relação íntima com esses locais e objetos¹⁴. Esses instrumentos são imprescindíveis, uma vez que descrevem e dão a conhecer o conjunto de bens a pesquisadores e à comunidade, além de salvaguardar o acervo contra possíveis furtos ou outras ocorrências que escapem ao controle de seus administradores.

Seguindo esse mesmo pressuposto, como primeira iniciativa das atividades na Diocese de Limeira, foi proposta a realização do projeto “Inventário de Bens Culturais Eclesiásticos da Diocese de Limeira”, a ser aplicado de forma continuada no âmbito das paróquias a partir da ação dos leigos. Este se configurará como um instrumento de segurança e registro desses conjuntos que estão dispersos nas capelas, igrejas, santuários e basílicas, entregues ao culto ou não. Além disso, a partir do inventário, será possível traçar políticas de gestão e cuidados efetivos desse amplo acervo de bens culturais.

Nesse projeto, são entendidos como bens culturais eclesiais todos aqueles itens relacionados e capazes de estimular a memória das comunidades católicas, contribuindo para a garantia e a manutenção de suas identidades. Produtos de um processo cultural, tais bens, materiais ou imateriais, carregam intenso repertório simbólico, sendo, portanto, suportes para a difusão de ideias e preceitos inerentes à religião e representativos da atuação da instituição e da comunidade de fiéis ao longo do tempo. Nesse recorte, portanto, é possível encontrar desde imagens sacras a vestes pessoais deixadas pelos sacerdotes, de objetos sacros àqueles de uso doméstico, de arquiteturas monumentais a instrumentos de trabalho.

Dessa forma, é incorreto tentar estabelecer balizas cronológicas para o entendimento e/ou valoração de um bem cultural eclesial, uma vez que a religião se mantém a partir de processos dinâmicos que geram e

¹⁴ SANTA SÉ. Pontifícia Comissão para os Bens Culturais da Igreja. “Inventário dos Bens Culturais dos Institutos de Vida Consagrada e das Sociedades de Vida Apostólica: Algumas Orientações Práticas”. 15 set. 2006.

demandam, a cada dia, novos suportes para a materialização de suas festas, celebrações e ritos. Assim, seria equivocado estabelecer um grau de importância entre um objeto antigo e outro adquirido recentemente, por exemplo, devendo os dois passar pelos mesmos processos de estudo e documentação, bem como rotinas corretas de preservação e guarda.

Sendo assim, optou-se por desenvolver um trabalho de valorização dos bens culturais eclesiais que fosse centrado no âmbito das paróquias e que tivesse, lado a lado, a vertente técnica com a confessional-pastoral. Contudo, o primeiro trabalho era desbravar os acervos dispersos nas igrejas matrizes, capelas e outros espaços localizados naquelas circunscrições. Nessa linha, seriam impossíveis equipes centrais que pudessem fazer esses estudos e levantamentos, já que, mesmo que isso ocorresse, o inventário sempre seria falho, dada a produção constante de novas obras derivadas da dinâmica do culto. Assim, a proposta adotada foi centrar as ações no trabalho dos leigos, devido, inclusive, à facilidade que eles têm nesses contextos como membros da comunidade e, especialmente, com aqueles possíveis mantenedores dos registros históricos, mesmo que orais (como idosos ou outros indivíduos atuantes em dado lastro temporal da comunidade).

A ação continuada do inventário constitui-se como a precursora de uma série de atividades de conhecimento do patrimônio cultural da Igreja particular de Limeira. Mesmo que ainda em desenvolvimento e não aplicado a todas as paróquias, já foi possível demonstrar a riqueza existente no território diocesano e a necessidade de sua preservação e difusão. Para tanto, tornou-se necessária e natural a institucionalização das atividades por meio de um órgão gestor específico, nesse caso o Museu Eclesiástico da Diocese de Limeira (MEC). Como organismo gestor de processos, o Museu deveria assegurar e fomentar constantemente as atividades de inventário, bem como a criação de espaços de memória nas paróquias, constituídos como locais descentralizados onde as referências culturais locais e regionais pudessem ser sempre preservadas pela própria comunidade que as cria e modela ao longo do tempo. Busca-se, assim,

preservar a história da comunidade católica daquele local, entendendo o patrimônio material e imaterial como produto de um grupo de pessoas que ao longo do tempo relacionou-se com dada forma de culto e produziu aparatos para isso.



Figura 8
Logotipo do Museu Eclesiástico da Diocese de Limeira, 2018
Imagem digital.
Acervo Diocese de Limeira

Como atividades iniciais, além das ações de inventário, a primeira iniciativa do MEC foi a criação do primeiro núcleo museológico diocesano na igreja matriz de São Manoel da cidade de Leme, por ocasião da celebração dos 120 anos de instalação da paróquia, celebrados em janeiro de 2018. Inaugurado oficialmente no dia 26 de novembro de 2017, por ocasião da solenidade de dedicação da Igreja e do Altar, o Núcleo Museológico – Paróquia São Manoel apresenta um conjunto de cerca de quarenta itens significativos que fizeram e ainda fazem parte da realidade da comunidade. Nesse mesmo segmento, foi também aberto, em maio de 2018, o Núcleo Museológico – Igreja Boa Morte, em Limeira, atrelado a uma musealização completa do templo.



Figura 9
Núcleo Museológico – Paróquia São Manoel, 2017
Acervo Diocese de Limeira



Figura 10
Núcleo Museológico – Igreja Boa Morte, 2018
Acervo Diocese de Limeira

Muitas são as pesquisas que se interessam por determinadas coleções ou itens, porém poucas se debruçam em pensar estratégias que garantam a longevidade desses objetos de estudo, de modo que possam ter sua fruição postergada para muitas outras gerações ou mesmo continuarem a

ser pesquisados. Este trabalho buscou inserir-se, portanto, nesse recorte. Reconhece-se que sua proposta é ainda passível de diversos ajustes e alterações, fruto, justamente, das experimentações, do uso continuado e das contribuições levantadas pelas equipes de trabalho. Contudo, mostra-se como um esforço de valorização, registro, preservação e difusão de um conjunto tão significativo em âmbitos local, regional e nacional. Os bens da Igreja são múltiplos, assim também como as abordagens. Fé, cultura, arte, técnica e devoção entrelaçam-se na construção da história, da memória e das identidades culturais.